PARÁBOLA

O Bem e o Mal

Renato Gonçalves da Silva

Certa feita uma pessoa caminhava pela estrada da vida. Havia em seus passos uma aparência de altivez, mas carregava consigo o peso invisível das dúvidas, dos medos e das incertezas. Desconfiava da própria capacidade e, por isso, mudava de escolhas e de rotas com frequência — ainda que suas ações, por vezes, a conduzissem ao sucesso.

Era um ser humano dividido.

De um lado, mostrava-se ético, proativo, competente — alguém capaz de construir, de ajudar e de crescer com dignidade. De outro, escondia uma face menos nobre: às vezes desleal, às vezes egoísta, disposto a trair quando isso significasse alcançar seus objetivos mais imediatos.

Assim caminhava, como caminham muitos neste mundo: entre virtudes e fraquezas, entre luz e sombra.

Até que, em determinado momento de sua existência, chegou a um ponto da estrada que mudaria para sempre o rumo de sua história.

Diante de si havia uma bifurcação.

Do lado esquerdo, uma placa simples, quase descuidada em sua pintura, exibia uma única palavra:

MAL.

Havia algo naquele caminho que despertava curiosidade. Talvez fosse o fato de que o que é errado costuma vestir-se de sedução. O proibido quase sempre parece mais rápido, mais fácil, mais conveniente.

Do lado oposto, à direita, erguia-se outra placa — bem pintada, firme, sólida, como se alguém tivesse se esforçado em deixá-la visível a quem passasse por ali. Nela estava escrita uma única palavra:

BEM.

Era um caminho mais silencioso. Como se exigisse algo de quem ousasse segui-lo.

Mas o mais curioso não eram as placas.

Exatamente entre os dois caminhos, sentado em um pequeno banco de madeira, havia um homem idoso. Vestia roupas simples, tinha cabelos brancos e segurava um livro aberto nas

mãos. Lia com calma, como se o tempo não tivesse pressa. Sua presença era serena, quase invisível — e ao mesmo tempo parecia ser o verdadeiro centro daquele lugar.

A pessoa, confusa e inquieta diante da escolha, aproximou-se e disse:

— Olá. O senhor parece alguém que já viu muito da vida. Pode me dizer qual é o melhor caminho?

O velho levantou lentamente os olhos do livro. Observou aquele viajante por alguns instantes — como quem não vê apenas o rosto, mas também a alma. Com um gesto tranquilo, puxou um pequeno banco ao seu lado.

— Sente-se — disse ele.

O viajante sentou-se.

— Todos que passam por aqui fazem a mesma pergunta — começou o velho. — Querem uma resposta pronta, uma garantia, uma certeza. Mas a vida nunca foi feita de certezas. A vida é feita de escolhas.

Fez uma breve pausa.

— O caminho do mal costuma parecer mais curto. Nele muitas vezes se ganha dinheiro mais rápido, poder mais depressa, vantagens mais imediatas. Mas há um preço que quase ninguém calcula quando começa a caminhar por ele.

O viajante ouviu em silêncio.

— O preço é a paz — continuou o velho. — Quem anda muito tempo pelo caminho do mal pode até conquistar coisas, mas quase sempre perde a si mesmo. A consciência cobra. A verdade aparece. A vida, mais cedo ou mais tarde, exige acertos.

O velho apontou então para o outro lado.

— Já o caminho do bem raramente promete facilidade. Exige caráter, disciplina, renúncia e coragem. Às vezes quem o segue parece perder oportunidades. Mas há algo que ele oferece e que nenhum outro caminho pode dar.

— O quê? — perguntou o viajante.

O velho sorriu levemente.

— Dignidade.

O silêncio pairou entre os dois.

Depois de alguns instantes, o viajante perguntou:

— Então o senhor está aqui para orientar as pessoas sobre qual caminho escolher?

O velho fechou o livro com calma.

— Não. Estou aqui apenas para lembrar algo que muitos esquecem.

— E o que é?

O velho olhou nos olhos do viajante e respondeu:

— Que ninguém escolhe apenas uma vez.

— Como assim?

— A vida inteira é feita de bifurcações. Todos os dias você encontrará novamente estas duas placas — no trabalho, nos relacionamentos, nas palavras que diz, nas decisões que toma quando ninguém está olhando.

O viajante permaneceu em silêncio, como se algo dentro dele começasse lentamente a despertar.

O velho prosseguiu, agora com voz mais firme:

— O bem e o mal não são apenas caminhos da estrada. São caminhos da consciência. Muitos fingem não enxergar estas placas, embora passem por elas todos os dias. Outros fazem algo pior: sabem exatamente onde estão e escolhem racionalizar o erro — vestem o interesse com discursos bonitos e chamam de necessidade aquilo que, na verdade, é apenas fraqueza moral.

Fez uma pausa longa, deixando que as palavras pesassem no ar.

— O curioso é que quase todos acreditam ser capazes de enganar o mundo. Alguns até conseguem por algum tempo — enganam amigos, parceiros, familiares. Mas há um juiz que não aceita suborno, não aceita justificativas elegantes e não se impressiona com discursos bem construídos.

O viajante perguntou, quase em voz baixa:

— Quem?

O velho respondeu:

— A própria consciência.

O silêncio tornou-se profundo.

O velho então fechou o livro e disse:

— Se realmente quer uma resposta, não a procure nas placas da estrada. Procure dentro de si. Avalie sua vida até aqui. Observe suas escolhas, seus acertos, seus desvios, seus silêncios convenientes — e também aquelas decisões que preferiu não enxergar.

Seus olhos agora estavam fixos no viajante.

— Ninguém chega a uma encruzilhada moral sem antes ter sido conduzido até ela por suas próprias escolhas.

Respirou calmamente e acrescentou, quase como quem retoma a leitura:

— A decisão é sua.

* * *

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.